

PROF. V. GIUFFRIDA-RUGGERI

---

Elogio pronunciado na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia  
em 14 de Janeiro de 1922

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Professor da Universidade do Pôrto

---

Com 50 anos incompletos, falecia em 21 de Dezembro último, em Nápoles, após uma curta doença, o eminente antropologista, sócio correspondente desta colectividade scientifica, Prof. Vincenzo Giuffrida-Ruggeri. A desolada viuva enviou-me tão triste notícia com algumas das suas últimas publicações. Convencido de que o meu ilustre amigo tinha ainda diante de si largos anos de fecunda actividade, senti com essa notícia a mais dolorosa surpresa. Infelizmente tratava-se duma realidade, que vinha enlutar profundamente a Antropologia.

\*  
\* \* \*

Giuffrida-Ruggeri era siciliano, e, depois dum curso brilhante, formou-se em Medecina em 1896. Trabalhou algum tempo sob a direcção de Tamburrini, no manicómio de Reggio Emilio, mas, em vez de enveredar pela Psiquiatria, ramo em que aliás produziu alguns trabalhos de importância, começou logo a especialisar-se no estudo do Homem anormal e normal, sob o ponto de vista fisico. Breve passava para o Instituto Antropológico da Universi-

dade de Roma, como assistente do Prof. Giuseppe Sergi. Foi aí encarregado de curso, passando em 1906 para a Universidade de Pavia, e substituindo, no ano seguinte, Nicolucci, por concurso, na cadeira de Antropologia da Universidade de Nápoles, onde era ultimamente professor ordinário e onde passou a fase mais fecunda e mais brilhante da sua actividade científica. Também na Escola Oriental de Nápoles regeu um curso de Etnologia.

A sua obra é vasta e notável. Escreveu vários livros, numerosas monografias, algumas das quais importantíssimas, e uma grande quantidade de artigos em revistas de especialidade e de vulgarização. Uma lista das suas publicações, em 1916, atribua-lhe cêrca de 150 trabalhos. Nos 5 anos seguintes publicou mais algumas dezenas dêles. Poucos homens de ciência terão tamanha fecundidade, e deve acentuar-se que a quantidade em nada aqui se sobrepunha à qualidade. Além de investigador paciente e incansável, Giuffrida era também um espírito inteligente e culto, que se revelava na elegância literária e na erudição dos seus escritos tanto como no brilho e no poder das suas sínteses e dos seus golpes de vista. Um homem assim não podia deixar de ser igualmente um excelente professor: algumas lições e conferências que ficaram escritas, dão a medida do seu talento didáctico e pedagógico.

Meridional de temperamento e de origem, era impetuoso e combativo. Teve várias polémicas científicas, algumas das quais por vezes impregnadas de azedume. Deve, no entanto, registar-se que nem toda a culpa seria sempre sua e que nunca deixou de ser um adversário leal e desassombrado, que não recusava aos seus competidores qualidades que de facto possuissem. Tendo combatido vivamente o seu Mestre, Sergi, foi um dos promotores da significativa homenagem que êste recebeu por ocasião do seu jubileu docente. Dum outro antropologista, com quem nos últimos tempos teve uma polémica, muito acerba de parte a parte, dizia-me

há um ano, já em plena discussão: «Mi dispiace che sia così strampalato, poichè ha delle buone qualità di studioso...»

Não se pode dizer que Giuffrida tivesse recebido em vida todas as homenagens a que as suas faculdades e o seu talento inovador e fecundo tinham direito. As suas polémicas não foram por certo extranhas a êsse facto. O eminente antropologista era sócio honorário do Royal Anthropological Institute de Londres, e membro de numerosas colectividades científicas, de Nápoles, Roma, Florença, Paris, Viena, Moscow, Bruxelas, Lyon, Porto, Liège, etc. Alguns trabalhos seus foram publicados em francês, alemão, inglês, português, etc. No entanto, vários antropólogos faziam, relativamente aos seus escritos e às suas doutrinas, um relativo silêncio, que nem aqueles nem estas mereciam. Êle queixava-se em especial dos franceses. Quando publiquei o meu trabalho *À propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal*, êle opô-lo, numa crítica muito lisongeira, aos trabalhos franceses sôbre o assunto e escreveu-me que êsse trabalho o recompensava «del malanimo dei nostri colleghi francesi». No entanto colaborou em *L'Anthropologie* e era um admirador de antropólogos franceses, como de Boule e outros, o que mostrava não se tratar dum fundo e sistemático ressentimento.

Estou certo de que as obras do malogrado colega italiano hão de vir a ter ainda mais alta consagração, como merecem.

Apezar de toda a sua impetuosidade de polemista, era um afectivo. Adorava a família e era dedicado aos seus amigos. Tenho presentes as cartas em que me falava dos filhinhos, e que por vezes acompanhou das suas fotografias como pai legitimamente desvanecido com êles. Como amigo, recordo todas as suas palavras de boas festas que jámais faltavam, e o interêsse que mostrou por mim e pelos meus quando a cidade do Porto atravessou a fase agitada do princípio de 1919. E, a propósito, dizia-me então: «È doloroso per tutti gli amici del Portogallo, che questa

nobile nazione non possa riacquistare ancora la calma e tranquillità necessarie al suo sviluppo».

Todo o interesse lhe mereceu também a nossa Sociedade de Antropologia. Penhorou-o muito a sua eleição para nosso consócio, que só a nós honrou, e não se esqueceu de dar a sua colaboração aos «Trabalhos» da Sociedade com um interessante artigo, *O problema eugénico segundo a moderna Genética* (Pôrto, 1920). Colaborou também nos *Anais Científicos da Academia Politécnica do Pôrto*, com um artigo em que citava trabalhos portugueses, — *Residui dun tipo protoetiópico en Europa* (Coimbra, 1917). Este artigo foi publicado também, vertido em português, no *Portugal Médico*.

\*  
\* \* \*

Muitos são, pois, os títulos — e alguns deles bem especiais — que dão a Giuffrida-Ruggeri jus a uma homenagem da nossa Sociedade. Pelo que pessoalmente me diz respeito, não esqueço a pródiga e acolhedora generosidade que comigo e com os meus modestos trabalhos teve sempre o ilustre professor. Desde 1916 com êle tinha as melhores relações de amizade e uma incessante correspondência. Sou grato aos estímulos que dele recebi para prosseguir na minha actividade científica.

Mas estas razões pessoais de estima não obscurecem o rigor do meu juízo crítico do eminente sábio e da sua obra. Também elas não ditaram a adesão que em vários trabalhos dei a muitos dos seus pontos de vista e a algumas das suas doutrinas. A minha concordância era não só o evidente resultado do imparcial exame dos seus argumentos convincentes mas também o do meu próprio, modesto, estudo. Encontrámo-nos no mesmo campo — êle, Mestre, e eu, um humilde estudioso — em muitas oportunidades: na defeza do neo-monogenismo contra o polifiletismo pre-humano, que, numa

carta, a sua impetuosidade de lutador chamava «dilettantismo bluffista»; na sistematização de alguns restos humanos fósseis, especialmente Cro-Magnon e Combe-Capelle; etc. No meu recente livro *Homo* (1921), que saiu quasi simultaneamente com a sua última obra, *Su l'origine dell'Uomo* (Bologna, 1921), sobre o mesmo assunto, estão resumidos os principais pontos de vista de Giuffrida-Ruggeri, relativos a tais problemas, que êle já antes abordara no livro *L'Uomo attuale* (Roma, 1913); no seu discurso *L'Uomo come specie collettiva* (Nápoles, 1911) e em muitos outros trabalhos.

Para Giuffrida-Ruggeri, a Humanidade actual constitue uma só espécie, uma espécie sistemática ou colectiva, com uma só origem pre-humana, mas compreendendo várias espécies elementares e variedades, resultantes da evolução, em diferentes *phyla*, dum tipo humano primordial indiferenciado. No seu último livro, mantendo o principio de que uma só espécie de *Pro-Hominidae* originou o Homem, desenvolve largamente, e com novos argumentos, os seus pontos de vista sobre o mecanismo e causas da antropogénese, os ciclos de difusão e migração das raças, o papel da domesticidade no polimorfismo humano, etc. Numa breve análise bibliográfica desse volume, de que tive a honra de ser incumbido pela revista italiana *Scientia*, faço uma resenha das ideias ali expendidas, o que neste lugar me levaria longe.

Giuffrida-Ruggeri dedicou numerosos estudos às raças humanas fósseis, prestando muitos serviços na sistematização e classificação dos respectivos restos. Individualizou admiravelmente a raça de Cro-Magnon, e fez uma crítica da interpretação dos fósseis descobertos por Ameghino, na América. Foram muito notáveis os seus trabalhos de crâniologia e de crâniografia, tanto em normais como em degenerados. Estudou em especial a norma lateral e a norma anterior do crânio, e, nesta, consagrou vários trabalhos à abertura piriforme. Fez estudos de crâniologia e osteologia étnicas (crânios de Manilha, Sumatra, Austrália, Nova Caledónia,

Ilhas Salomão, Maori, antigos Egípcios, etc., esqueletos de Índios Cavinás, de Bataks, etc.), devendo-se-lhe importantes trabalhos sobre a antropologia da África nord-oriental, Itália, regiões dináricas e danubianas, Indonésios e Ásia em geral, etc.

Fez estudos muito interessantes sobre algumas proporções do corpo, encaradas sob os pontos de vista sexual, etário e étnico. São sobretudo importantes os dados e conclusões sobre os índices esquelético e bário.

No início da sua actividade científica, ocupou-se, em dissertação inaugural (*Sulla dignità morfologica dei segni detti «degenerativi»*, Roma, 1897), do conceito da degenerescência e do valor relativo e significação dos estigmas que tem sido indicados. Definia degenerescência «um estado mórbido que, originado do desequilíbrio inerente a um excesso de evolução, se manifesta nos descendentes como diminuição na energia evolutiva»; e admitia uma relação entre os sinais físicos e as qualidades psíquicas.

Interessante é ainda registar que, em todos os seus estudos sobre diferenças sexuais, surge pondo em evidência os factos que contrariam a pretendida inferioridade somática da mulher, relativamente ao homem.

Em suma, por esta brevíssima resenha dos assuntos versados por Giuffrida-Ruggeri, se faz ideia do que foi a sua extraordinária actividade de homem de ciência. O seu nome bem merece altas consagrações, e a Antropologia deve considerar a sua morte prematura como uma perda irreparável, tantos eram os serviços que dele havia ainda a esperar.

\*  
\*  
\*

Apenas quatorze dias antes de morrer, o sábio colega italiano escrevia-me a respeito dos últimos livros, que quasi simultaneamente publicáramos: «êstes trabalhos envelhecem rapidamente».

E aludia à descoberta de Broken-Hill, na Rodésia, de que nenhum de nós dera notícia, por ter sido conhecida depois das duas publicações. Essas últimas palavras suas traduzem uma sua eterna aspiração de perfectibilidade, uma insaciedade de pesquisa e de estudo, que é a característica, a feição dominante do seu espírito e da sua obra.

Exprimindo o pesar vivíssimo que a morte do ilustre antropologista me causou, tenho a certeza de que todos os meus prezados consócios se solidarizam com as breves palavras de homenagem que à sua memória acabo de consagrar. A nossa Sociedade, que, pela voz autorizada do seu Presidente, tinha nesta mesma sessão rendido justo preito ao autor de *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, ao grande Cartailhac, recentemente falecido na Suíça, podia ter encontrado mais autorizado interprete do seu apreço por Giuffrida-Ruggeri, do que eu sou. Mas difficilmente encontraria alguém que com mais devotado interêsse e com mais intensa simpatia intelectual tivesse acompanhado as afirmações sucessivas do seu inegável talento e da sua inquebrantável perseverança estudiosa.

Da sua obra ficarão não só muitos documentos, mas fecundas ideias. Se, como êle me dizia, alguns livros envelhecem rapidamente, o mesmo não sucede com certas aquisições científicas, com muitas teorias, sistemas e doutrinas. Tantas são as que resistem aos anos e aos séculos! Tudo está em que contenham em si verdades irrefutáveis. Ora, das doutrinas de Giuffrida-Ruggeri, espero bem que muitas sobreviverão, e a história da Antropologia conservará o seu nome entre os dos cultores, justamente consagrados, desta nobre ciência.